

# VALORIZAÇÃO DA AMAZÔNIA

Desembargador VIEIRA FERREIRA

Não tentem substituir a mata amazônica por plantações de cereais de produção cada vez mais escassa, porque o Amazonas inundará margens com dilúvios anuais, vingando o atentado contra a floresta.

Não se deve ignorar que o regime de suas águas depende, não só do relêvo terrestre do vale, como também da mata em que correm os seus afluentes. Os do Solimões principalmente.

As árvores regulam a quantidade líquida levada aos rios pelas chuvas copiosas de certa época do ano.

Fólias das frondes, ramos, troncos, cavernas da base, nas sapupemas, são obstáculos ao rápido escoamento das águas pluviais para o leito dos rios.

Sem livre passagem para êsses leitões a água vertida infiltra o solo ou evapora-se, diminuindo o volume da corrente caudalosa.

Os morros do Estado do Rio, onde morreram cafezais de vida curta, mostram como é passageiro o proveito das derrubadas. Duradouro é somente o atêrro sôbre o humus dos vales a jusante.

Frequentei os rios Truyuá e Purus desde a primeira organização do território do Acre, quando em 1904 instalei no seringal Invencível, onde estava acampado um batalhão de infantaria, a justiça de distrito do Alto Juruá, até 1917, quando foi extinto o Tribunal de Apelação de Cruzeiro do Sul, em cuja presidência me achava.

Não confio na fertilidade da terra nos afluentes do Solimões: as árvores da mata desenvolvem constantemente amplas sapupemas para aproveitarem o humus de um nateiro superficial pouco profundo,

abaixo do qual não lhes fornece o terreno o alimento necessário.

Vi cavar em Sena Madureira um grande poço em 1907, quando exercia interinamente o cargo de prefeito do Alto Purus o meu saudoso amigo General Epaminondas Tebano Barreto, ainda Capitão nesse tempo. Sob uma superfície fértil muito delgada encontrou-se uma variada estratificação de camadas geológicas inteiramente estéreis.

Como, pois, se deve explorar a Amazônia sem destruir a mata?

Direi o que me parece depois de expor o que vi na indústria extractiva e na pequena agricultura praticadas naqueles rios.

Só na selva se explora a seringueira. Ninguém se lembrava ainda dêsse absurdo que é fazer plantações da hévea em terreno desmatado.

Constavam os seringais em geral de uma sede à margem dos rios e de um trecho da selva adjacente.

Era a sede uma grande casa de tábuas ou de ripas de paxiúba (uma palmeira) próxima ao barranco em que encostavam as embarcações. Era em geral coberta de palha ou de tabuinhas.

Dividia-se em duas partes: uma para a residência do proprietário e outra, o armazém, para o seu negócio.

Num descampado à margem do rio, entre essa construção e a mata, estendia-se retangularmente o pasto, depois de uma pequena horta e do cemitério, que a distância dos povoados obrigava a ter nos seringais, não sendo possível observar nesse ponto as disposições que regulam o registro civil. *Necessitas caret lege.*



A casa da sede era dita o *barracão* e as choças dos extratores *barracas*.

Estas centralizavam, como inicial e final, as *estradas de seringa*, ou veredas em que estavam as seringueiras. Eram ao mesmo tempo divergentes e convergentes, indo certa distância pela mata e voltando ao ponto de partida próximo à barraca. Formavam polígonos irregulares alongados, dispostas, quando eram muitos, como as folhas de um leque de que fosse o eixo a palhoça do seringueiro.

Este ia com um balde pela estrada até enchê-lo de leite vertido nas tigelinhas pregadas nas seringueiras. Obtinha-se a pele de borracha, molhando com o leite e torcendo um pau, sobre a fumaça de um fogo para o qual se preferia um côco, o urucuri, queimado num rancho perto da palhoça.

As peles assim obtidas eram levadas para o armazém do barracão; de onde iam para Manaus e Belém, para serem vendidas por conta dos extratores, que pagavam com o saldo aos donos de seringais os fornecimentos a crédito.

A borracha classifica-se para a venda em fina, entrefina e sernambi.

O caucho, explorado principalmente por peruanos, que entravam por uma fronteira despovoada, não se extraía em tigelinhas, mas sacrificando a árvore derrubando-a.

Os seringueiros encauchavam sacos e fabricavam sapatos e botas de borracha sem salto, perigosos nas descidas encorregadias.

Nem todos sabem como se abre uma estrada de seringa. Um nativo vai em certa direção, procurando as seringueiras existentes desse lado, e outro fica no ponto de partida. Quando o primeiro encontra a árvore preciosa grita anunciando o achado e o segundo dirige-se para o local de onde ouviu a chamada, abrindo no mato miúdo um caminho com o terçado (facão) até encontrar o companheiro. Daí em diante repetem o mesmo processo até voltarem ao ponto de partida. Compõem-se por isso as estradas de segmentos retilíneos e, como acontece cruzarem-

se, formam às vezes verdadeiros labirintos, onde se perde o inexperiente.

No rio Purus começava-se o transporte das peles de borracha antes das chuvas, em grandes balsas movidas a varejão, até encontrarem as lanchas ou vapores na Cachoeira do Hilário ou noutros pontos a que chegassem, onde eram embarcadas.

No Juruá nunca vi êsse transporte em balsas, que talvez houvesse a montante de Cruzeiro do Sul e no alto Taranacá.

Para sustento dos seringueiros os seringais importavam principalmente a farinha d'água, carne seca (jabá), carne *frescal* enlatada, carne em conserva, salmão e sardinha em lata. O feijão preto do sul do país era transportado em garrafões (frasqueiras), para não sofrer os efeitos do calor e umidade.

Nos descampados da sede não faltava uma pequena agricultura: plantações de batata doce, de aipim (macacheira), de bananeiras, de milho, etc. Abundavam excelentes bananas: da terra, ouro (anajá), prata, maçã, nanica e outras. A banana ouro era maior do que a do sul e a maçã, como vi no Juruá, não emperrava uma polpa tenra, alvíssima e pouco densa.

Quando os rios baixavam de nível plantavam nas praias o milho, que não crescia nem granava bastante, o feijão da praia, de pequenas favas amarelas e redondas, e ótimas melancias.

Na fácil fruticultura dos seringais vi um grande goiabal na bôca do Acre. Não faltava a laranja, a lima, o limão, o caju, o abacaxi, excelente quando não crescia muito.

Quanto à criação, havia no terceiro galinhas e perus. Vi galinhas d'Angola (capote).

Vi nos pastos da área descampada porcos, ovelhas e cabritos, além de algum gado-vacum, para leite, e muar para transporte de peles de borracha das barracas do seringal para o barracão da sede.

Vê-se, pois, que pelo menos à margem dos rios por onde andei, a fartura de então contrastava com



a miséria atual descrita por F. Ferreira Netto no seu precioso livro *Realidade Amazônica* (1954).

Alguns pescados, principalmente nas piracemas da estiagem, quando os cordumes vão desovar nas cabeceiras dos rios; alguma caça, ainda menos, reforçavam como extraordinário a refeição do seringueiro. Também a tartaruga, os ovos dêsse queloníoe um jacaré mole, *o tinga*.

Numa praia do Purus, subindo o rio em batelão, tive ocasião de ver um cercado com o *capitari* (o macho da tartaruga) para atrair a multidão feminina que cobre as praias de noite.

De alimento vegetal fornecido pela mata só vi comerem a pupunha, o côco de uma palmeira cujo estipe se ouriça de pungentes espinhos. Cozinhava-se como batata inglesa. O palmito, que é abundante, ninguém comia.

Era como viviam nos dois afluentes do Solimões, Purus e Juruá, em cujas margens (Cruzeiro do Sul), assim como na do Iaco (Sena Madureira), passei muitos anos.

Naquele tempo, há mais de três décadas, levamos de nordestinos, principalmente do Ceará, proviam os seringais do pessoal necessário para a extração da borracha. Esse elemento procura hoje colocação no sul do país para onde emigra quando a seca assola o Nordeste.

Como pois atrair gente para os seringais da Amazônia?

Com imigrantes estrangeiros, seria formar quistos étnicos resultantes das grandes distâncias em que ficariam do elemento nacional, menos assimiláveis ainda do que os germânicos de Santa Catarina.

Parece-me que o elemento nacional poderá voltar aos seringais da Amazônia, atraído pelas vanta-

gens de outro regime econômico, em que a União assegurasse aos extratores, contra a ganância dos intermediários, o valor real de seu direito no produto vendido.

Talvez o problema deva resolver-se por um cooperativismo fiscalizado pela administração pública; talvez pela nacionalização dos seringais, não para serem explorados por funcionários públicos, mas arrendados a concorrentes, pessoas físicas ou jurídicas, que os explorassem, fiscalizados.

Nas próprias estradas das seringueiras, nas proximidades dos rios, seriam plantadas ou transplantadas outras, protegidas com pequenos cercados os novos pés, muito apreciados pelos herbívoros da mata.

Nessas estradas outros vegetais úteis poderiam ser plantados, dêsses que medram perfeitamente à sombra da floresta. (\*)

Industriais e homens de ciência, químicos, botânicos, procurariam na própria mata os essências aproveitáveis neles existentes que seriam plantadas perto dos portos, como as seringueiras, a almécega, por exemplo.

Vi, em Cruzeiro do Sul, um ramo verde de folhas polpudas completamente enleadas por um fio de sêda, que um verme ia prolongando. A árvore de que tiraram esse ramo talvez seja melhor do que a amoreira.

Mas deixo a pesquisa aos naturalistas, como aos economistas a dos meios de renovar a exploração da Amazônia.

Meu empenho aqui é todo negativo. Temo os quistos raciais no vale do grande rio; temo o sacrifício da mata equatorial, que terá como consequência inundações calamitosas.

(\*) Podem plantar-se cafezais na mata. Não é necessário derrubá-la, sacrificando tão rica flora e fauna de tão vária beleza, como a ornitológica, principalmente. E é tido como ótimo o café nascido à sombra. A maturação dos cachos opera-se por partes sucessivas, exigindo mais de uma colheita no ano.



## "PÉ DE TRINCHEIRA"

No dia em que o brasileiro empregar ajuizadamente sua vivacidade e orientar sua privilegiada inteligência no sentido do bem, o nosso País será o primeiro do mundo.

Uma das provas do que asseveramos é a facilidade com que o "pracinha" resolve os seus problemas. Ele tem recursos para tudo!

Reputamos o fato que se segue como uma das mais interessantes aplicações da sagacidade do soldado brasileiro, sobretudo por suas conseqüências.

Inexperientemente, nossos soldados escolheram suas botinas justas aos seus pés, isto é, com o tamanho usual.

Ao chegar o frio, recebemos grossas meias de lã. Com os pés calçados nessas meias, diversos soldados nossos não podiam usar suas botinas, essas lhes apertavam exageradamente os pés. Que fazer? Não usar as meias de lã? Ficar com frio?

Os americanos que usam sempre seus sapatos folgados, 2 ou 3 números maior, podiam usar até duas meias de lã!

Mas, com a neve, éramos obrigados não só usar as meias de lã, como também as galochas, verdadeiras botas de borracha. Os pés, o nariz e as orelhas são os pontos que mais sentimos frio.

Que fizeram nossos soldados? Uns porque suas botinas se tornaram pequenas e outros, aqui para nós, por comodidade mesmo, resolveram calçar meias de lã, envolverem os pés assim calçados com uma tira de lã que cortaram de seus cobertores, encherem suas galochas com palha seca e calçaram-nas, desprezando a botina.

Resultado: Tinham os pés ôtimamente aquecidos, e, sem querer, os tiveram ventilados e se livraram do "pé de trincheira", perigoso mal que tanto afligiu os americanos e que consistia num congelamento dos pés com as conseqüências desastrosas da lepra.

(Crônicas de Guerra — Cel. Uzêda)

Eis mais uma história do Regimento Sampaio, também vivida pelo companheiro que hoje, na reserva, dirige a "Casa Neno".

Apresente sua identidade e leve no mesmo momento a mercadoria escolhida. Tudo em 10, 15 ou 20 pagamentos mensais.

Procure a "CASA NENO" num dos seguintes endereços, de acôrdo com a sua conveniência:

Rua Sete de Setembro, 145 — Tel. 43-2215 e 43-9134 (Matriz)

Rua Buenos Aires, 151 — Sobrado — Tel. 43-7778

Avenida Passos esquina Presidente Vargas — "Esquina da Casa Neno" — Tel. 43-6905

Rua República do Líbano, 7 — Tel. 22-4590

Em Madureira: Rua Maria Freitas, 110 (loja própria)

Em Niterói: Rua da Conceição, 47

Na Penha: Largo da Penha, 59-C.

Rádios, Geladeiras, Televisão, Planos, Liquidificadores, Ferros de engomar, Toca-discos, Enceradeiras, Ventiladores, Relógios, Bicicletas, Máquinas de lavar, Aspiradores e demais artigos elétricos, Máquinas de costura, Máquinas fotográficas,

Motocicletas, Máquinas de escrever

Um mundo de coisas ao seu dispor